

País é o 7º em competitividade em ranking com nove

Cláudia Lobo
Do Rio

Mesmo com estabilidade monetária alcançada nos últimos dez anos, o Brasil continuará sendo um lugar pouco competitivo na atração de investimentos no setor produtivo da economia no período de 2001 a 2015, se não alterar preceitos adotados atualmente como elevada tributação e baixo índice de educação da mão-de-obra constata estudo realizado pela consultoria americana DRI-Wefa.

No levantamento encomendado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio (Firjan), o país ficou em sétimo lugar na comparação geral com nove países, perdendo para Coreia, Taiwan, Chile, Estados Unidos, Alemanha e México, ganhando apenas da Espanha e Argentina.

Os países comparados foram escolhidos pela própria Firjan por parte estar situada no grupo dos industrializados, aos quais o Brasil precisa se equiparar, e outros por serem naturais competidores de investimentos em produção. Para elaborar a colocação, a consultoria determinou peso de 50% para indicadores de crescimento (valor agregado, produtividade e custo de mão-de-obra) e outros 50% para fatores de competitividade (investimento em tecnologia e pesquisa e desen-

Fardo pesado

Carga tributária em 2001, em % do PIB

	Receita total	Governo central	Governos estaduais e municipais
Alemanha	38,17	26,86	11,31
Brasil	37,82	27,02	10,80
Espanha	33,15	27,49	5,65
EUA	27,37	18,63	8,74
México	19,55	15,79	3,76
Chile	19,46	17,92	1,54
Argentina	19,30	11,83	7,48
Coreia do Sul	17,45	17,45	0,00
Taiwan	13,19	13,19	0,00

Fonte: GFS, DRI-WFEA

Produtividade

Crescimento médio anual (2001 a 2015), em %

Coreia	5,6
Chile	5,2
Taiwan	4,7
Alemanha	3
México	2,9
Brasil	2,8
EUA	2,7
Espanha	2,7
Argentina	1,1

volvimento, infra-estrutura, educação, custo de financiamento e risco de mercado, taxas de câmbio e inflação e custos trabalhistas).

Pela análise, o indicador brasileiro de produtividade elaborado deixará o Brasil na sexta posição no ranking dos nove países, com índice de apenas 2,8. O país perde para Coreia, Chile, Taiwan, Alemanha e México, nesta ordem. Entre os que normalmente competem com o Brasil pelos investimentos diretos e com possibilidade de elevado crescimento, o Brasil ganha apenas da Argentina (1,1). "Ganhamos também dos Estados Unidos e Espanha, mas, como são países desenvolvidos, o aumento da produtividade não poderia ser mesmo grande", lembrou

o diretor operacional corporativo da Firjan, Augusto Franco.

O potencial de crescimento econômico brasileiro no período também não será promissor, já que seguindo os preceitos atuais, ficou em quinto lugar, à frente apenas dos Estados Unidos, Alemanha, Argentina e Espanha. "Temos necessidade de crescer mais do que os países de economia madura, senão nunca chegaremos até eles. A questão é termos ficado atrás dos Tigres Asiáticos, Chile e México", disse.

O presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, frisou que em educação, mesmo com os recentes esforços, a projeção deixa o Brasil na última colocação nas listagens de taxas de matrícula nos cursos superiores, di-

plomação em cursos superiores e qualidade das escolas públicas — neste último item, o país fica na 58ª posição quando comparado com outros 74 países do mundo monitorados pelo World Economic Forum.

Pelo estudo, para o Brasil reverter o quadro é necessário promover as reformas tributária, trabalhista e previdenciária o quanto antes. "O antigo governo defende o retorno do crescimento e já se comprometeu com as reformas. O futuro diz que vai trabalhar por elas. Só posso estar otimista", brincou o presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, acrescentando que apresentará o estudo ao presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva logo após à posse.